

PICHAÇÃO DENTRO DA ESCOLA: O ENTENDIMENTO DA PRÁTICA EM SEU LADO HUMANO

Isabella Barbosa Caillot¹
Thays Almeida de Souza²
Adriana Rodrigues Suarez³
Rossana Stori Moletta⁴

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a Pichação dentro da escola. O picho se faz presente onde o estado não intervém, onde há um grande contraste nas comunidades, seja ele, político, econômico, ou social. Relacionado ao cotidiano dos alunos, nesse artigo, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UEPG, duas alunas de Artes Visuais utilizaram a pichação como questão política e histórica para incitar o senso crítico e social dos alunos, como também abordaram as tipografias que nela emergem, para a criação de “tags” na aula de artes. Utilizando a proposta triangular da arte-educadora Ana Mae Barbosa conseguimos gerar a reflexão de alunos que já eram interessados na pichação e também os que não eram, contextualizando sobre a história política e social, lendo e analisando o trabalho de pichadores famosos e pichações dentro da história, como as realizadas na ditadura militar brasileira de 1964, e por último, a atividade onde, a partir de todos os conhecimentos sobre as principais tipografias e a importância da ilegalidade, fizeram uma troca das “folhinhas”* que mostrava principalmente, a ideia de efemeridade da pichação.

Palavras-chave: Pichação, Arte-educação, PIBID.

INTRODUÇÃO

A pichação e o grafite feito em lugares não licenciados são considerados vandalismo e crime ambiental, paralelamente, seu valor é colocado em prova como questão poética e artística. Neste relato de experiência, sem deixar de lado a sua ilegalidade, levamos para a sala de aula as questões políticas e sociais que circundam o mundo da pichação, pois já era algo intrinsecamente ligado ao cotidiano dos alunos. O ato de fechar os olhos para elementos que estão ao nosso alcance, gera essa defasagem de identificação, que conseqüentemente, pode

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, isabellabarbosacaillot@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, oi.thaysalmeida@gmail.com;

³ Professora orientadora: Pós-doutorado em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, arsuarez@uepg.br.

⁴ Professora Supervisora: Especialização em Arte Educação – ESAP, sanastori@gmail.com.

* Documento feito em folhas avulsas pelos pichadores para registro de tags de outros pichadores.

levar a um limite do aprendizado. Por que ensinaremos sobre um processo político, e muitas vezes contraditório, com exemplos que estão longe da nossa realidade? Por isso, utilizamos a pichação, essa manifestação urbana que está a todo momento à vista, e que pode explicar tópicos sociais e instigar o pensamento crítico. Assim como dito pelo educador e filósofo Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, sobre como é importante trazer e abraçar a experiência social que eles têm como indivíduos “É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado.” (FREIRE, 1996, p.19)

O seguinte relato, experienciado pelas alunas Isabella Barbosa Caillot e Thays Almeida de Souza, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – do Curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob supervisão da professora Rossana Stori Moletta na Escola Espírito Santo, em Ponta Grossa. Foram apresentados os acontecimentos da aplicação de uma oficina sobre o tema, toda a explicação teórica, a prática e a reação dos alunos tendo um assunto do cotidiano deles tratado em sala de aula. Neste trabalho, o referencial teórico foi principalmente voltado para o livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire, a proposta triangular de Ana Mae Barbosa trazida na aplicação da oficina, o livro *Tópicos Utópicos* da mesma autora, sustentando a ideia de trazer a arte das periferias e ainda alguns artigos sobre o assunto como *Pichação na escola* de Stela Martins de Simone.

METODOLOGIA

Este artigo trata-se de um relato de experiência que surge a partir da observação do ambiente escolar, em uma instituição pública de um bairro afastado da cidade. Durante as aulas, comumente notamos a presença de pichações em cadernos, carteiras e paredes, que deram origem a explicação e a prática de aspectos políticos e sociais da pichação em uma regência de 90 minutos, totalizando duas aulas.

Debates controversos se instituem a todo momento, e como docentes em formação, é necessário saber mediar uma discussão com temas delicados. Desde o início, a metodologia qualitativa foi muito pontuada, abordando com cautela relacionada ao esclarecimento teórico da pichação. Por ser algo presente em nosso cotidiano, pode gerar curiosidade, ou às vezes raiva. É importante entendermos as motivações de um pichador, onde essa cultura surge, de que

classe ela pertence, e mostrar isso aos alunos. Temos consciência da ilegalidade do assunto e não devemos pontuar a pichação como uma forma de "ensinar à pichar", muito menos transformá-la em objeto didático, mas podemos falar sobre o lado humano, para entendimento, e não incentivo. É fácil culpar o indivíduo sem compreender o sistema que está envolvido, por esse motivo precisamos falar da pichação, sem cometê-la.

As dinâmicas e métodos de ensino-aprendizagem que afloram nesta operação estão acerca do ler, fazer e contextualizar. A proposta triangular de Ana Mae Barbosa se faz presente não apenas pela flexibilidade desse indicador metodológico, como também, por suas preocupações ao redor da formação de professores, democratização e da circulação do conhecimento.

A formação de professores de arte tem portanto, esse caráter peculiar de lidar com as complexas questões da produção, da apreciação e da reflexão do próprio sujeito, o futuro professor, e das transposições das suas experiências com a arte para sala de aula com seus alunos. (BARBOSA, 2012, p.176)

O processo de aprimoramento do plano de aula foi a parte mais extensa, era preciso que todas as palavras colaborassem para argumentação, sem a possibilidade de um desentendimento. Em alguns momentos, cogitamos trocar o tema de apresentação, pela dificuldade de retratar o picho na sala de aula, sem saber se deveríamos ou não, interliga-lo à arte. O processo de explicação contava com uma breve história da pichação desde a sua origem até a contemporaneidade. Entretanto, antes disso, houve uma recapitulação das lições sobre grafite e arte de rua, em geral perguntando diretamente aos alunos o que lembravam sobre o assunto, para que assim, chegássemos à ilegalidade, ou ao seu sinônimo, pichação. A arte-educadora Ana Mae Barbosa trás em seu livro *Tópicos Utópico,s* a importância de levarmos para a sala de aula a arte de todas as classes, indo muito mais além do que é comumente visto, como por exemplo arte europeia. Seu apontamento não é para excluirmos esse tipo de arte, mas entendermos toda a parte cultural envolvida para trabalharmos conjuntamente a arte social e vice-versa.

Isto não significa a defesa de guetos culturais, nem de excluir a cultura erudita das classes baixas. Todas as classes têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita porque esses são os códigos dominantes - os códigos do poder. É necessário conhecê-los, ser versado neles, mas tais códigos continuarão a ser um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da própria classe social, a porta de entrada para a assimilação do "outro". A mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais (BARBOSA, 1998, p.15)

Dentro da explicação teórica, tivemos a história da pichação saindo dos Estados Unidos, onde era algo ligado a demarcação de território, para a Europa com as manifestações

trabalhistas em Paris com pichações de cunho crítico até chegar no Brasil na ditadura militar de 1964. Passamos também, por uma retrospectiva de onde vieram as inspirações para as tipografias, para depois entrarmos nas discussões sobre motivações, nos baseando principalmente no documentário *Pixo*, de 2009 feito por João Weiner, onde o mesmo entrevista diversos pichadores e pergunta diretamente a eles, muitos então respondem, que é o reconhecimento social, a adrenalina, o lazer e o protesto.

Durante longas pesquisas encontramos a ligação da pichação com a ilegalidade, onde dentro desse mundo é impossível separar uma coisa da outra, já que o que motiva o pichador é principalmente a adrenalina que a ilegalidade causa além de todas as questões políticas que geram tal ilegalidade, chegando à conclusão que, de uma maneira hipotética, se a pichação fosse legal, pararia de existir.

A princípio, nossa oficina seria voltada para uma atividade fora da sala de aula, onde os alunos deveriam pichar uma mensagem em um papel cartão, entretanto, essa atividade, resultava no incentivo. Segundo Freire “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.” (FREIRE, 1996, p.17). Dessa forma, articulamos a operação para que fosse voltada ao papel sulfite, que fosse dentro da sala de aula, e relacionando as “folhinhas”, documentos de recordação dentro do mundo da pichação, pois ela é algo efêmero e a única coisa que sobrarão depois de serem apagadas, é o que o pichador escreveu na “folhinha” de outras pessoas, sendo assim, não ocasionando o incentivo à prática de pichar, somente a criarem suas tags, o nome do pichador escrito com a sua tipografia.

Organização da oficina prática

- a) Ocorreu no período de uma aula de 45 minutos para a turma do 9ºB da escola Espírito Santo na própria sala de aula;
- b) Após a explicação prévia sobre tipografias e o que é e qual a importância das folhinhas dentro da pichação, ensinamos a fazer um pequeno livro apenas feito por meio de dobraduras em uma folha de papel sulfite A4 (Figura1);

Figura 1 – Momento da aula teórica



Fonte: acervo das autoras

- c) Com a folhinha pronta iniciamos a atividade de criação de tipografia e troca de tags, deixando algumas tipografias base no multimídia para os alunos que ainda não possuíam uma tag se inspirarem;
- d) Pedimos para que trocassem suas tags entre os colegas como forma de lembrança do outro e isso foi muito abraçado pelos alunos que se divertiram ao trocar "marcas" entre eles mesmos (Figura 2);

Figura 2 – Criação de tags



Fonte: acervo das autoras

- e) No decorrer da oficina as alunas Isabella e Thays foram chamadas pelos alunos poucas vezes para sanar algumas dúvidas sobre o que estava certo ou errado, a forma de escrever e como fazer novamente a folhinha;
- f) O tempo de realização foi o suficiente para que todos os alunos criassem suas tags e trocassem entre si como forma de recordação, nenhum aluno deixou de fazer ou não conseguiu executar no tempo determinado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em todo o processo, desde escolher o tema para a oficina e em como a atividade prática seria, optamos por sempre priorizar as experiências que os alunos traziam com eles para então pensar na metodologia de qualquer aula que fosse, algo muito visto dentro de nossa faculdade em disciplinas voltadas exclusivamente para a educação, usando principalmente como base o educador Paulo Freire que tem seu exemplo mais famoso de educação fundamentado na experiência seu método de alfabetização aplicado em adultos, onde muitos deles eram pedreiros:

A palavra ‘tijolo’ fez parte do universo vocabular trabalhado em Angicos. Era uma palavra que fazia parte do cotidiano dessas pessoas. Mas não era só ensinar a escrever tijolo, tinha também a questão social e política. Era questionado: você trabalha na construção de casas, mas você tem uma casa própria? Por que não tem? Levava o cidadão a pensar nessas questões. (JOFRE apud ZAULI, 2013)

A partir desse conhecimento, usamos como base teórica o livro do mesmo educador, o *Pedagogia da Autonomia*, que trás de uma forma escrita a mesma ideia que apresentamos no parágrafo anterior, cria-se a opinião sobre mesclar os saberes curriculares fundamentais e a experiência do aluno como indivíduo social com um pensamento político, explicando e discutindo as implicações políticas e ideológicas sobre certos assuntos, como por exemplo a pichação que é nosso foco principal.

Talvez a arte e a escola não sejam partidárias, isso não significa que elas não sejam políticas, não exclusivamente políticas, mas essencialmente. Toda arte é política, relata Lisette Lagnado na montagem da 27° Bienal:

Eu diria que essa não é uma Bienal mais política, porque toda a arte é política, mesmo a que estava na Bienal passada. Mas esta é uma Bienal que pensa que a arte tem uma relação muito forte com o contexto e, aí, ela realmente se torna política. A importância do contexto é tamanha que estamos mostrando vários trabalhos de cada artista, para mostrá-lo também no contexto de sua produção, e não só o contexto do lugar de onde ele vem, como o que ocorre com os artistas que fizeram residência no Acre, Recife... (LAGNADO, 2006).

A entrevista acima cita Hélio Oiticica, compreendendo o conceito de anti-arte como a recusa do mercado, não cabe aos espaços culturais que visam o lucro, é voltada a um exercício a liberdade, que geralmente se institui na arte de rua.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A instituição escolar, antes de ser vista como ambiente de ensino-aprendizagem pelos alunos, é vista como local de sociabilização, onde pode também atuar como apoio emocional, e econômico dos indivíduos que nela frequentam. Desenvolver a discussão sobre justiça social, cidadania, reconhecimento e protesto foram os nossos objetivos, além disso, levantar a questão artística da pichação, se é ou não arte, as diferentes tipografias, pichadores famosos e as motivações.

Alguns de nossos resultados foram ver que alunos que não participavam de outras aulas de arte, depois dessa conseguiram ver que o universo artístico é extenso e que elas podem se incluir de uma forma única, com diferentes formas de linguagem. Observar adolescentes desmotivados e sem interesse na arte começar a participar e contar suas próprias experiências com a pichação foi algo único e especial, conseguir reparar que isso já era algo do convívio e interesse dos mesmos e depois aplicar isso em sala de aula os ajudou muito a se sentirem incluídos.

Outra coisa interessante foi observar que grande parte dos alunos já possuía sua própria tag, alguns se apegam a signos do bairro que moram, outros a experiências que já vivenciaram para a criação da sua própria, conseguimos ver facilmente que quem estava criando uma no momento ficava preso ao alfabeto indo arábico, os outros já tinham uma escrita solta com tipografias próprias ou muito mais inspiradas em outros pichadores.

Alunos que possuíam uma ideia negativa sobre a pichação, após terem contato com o que realmente significa pichar, chegaram a mudar seu pensamento sobre e a enxergar com outros olhos, podem até não ter mudado sua visão sobre ser arte ou não, mas entenderam a profundidade que chega todo esse mundo. Podemos incluir nessa experiência a própria professora Rossana que supervisionou a oficina, a mesma nos relatou que não sabia toda a questão política por trás e como esse movimento é a única forma que pessoas geralmente a margem da sociedade tem de se manifestar e mostrar o que não estão de acordo.

Tivemos toda a participação da turma no momento da oficina que deveriam trocar suas tags entre os colegas, muito se divertiram com a ideia de assinarem e deixarem sua marca na folhinha de outros alunos de uma forma “não reconhecível”, colocando até mesmo sua personalidade em suas tipografias. A ideia de ter uma recordação do outro sem ser por meio de escritas em caderno ou em camisetas, como comumente vemos acontecendo em turmas que no próximo ano irão se separar, só deixou a criatividade dos alunos aflorar, nos fazendo ver diversas tipografias que não estavam em nossos exemplos, chegando ao ponto que queríamos, incentivar a criatividade e acolher o meio artístico em que muitos alunos estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência nos possibilitou trazer um novo olhar para artefatos culturais que sempre estão a nosso alcance, tornou viável trilhar uma nova visão sobre a pichação, conhecer seus objetivos e contextos, e transpor isso, da forma mais cuidadosa possível, para os alunos. Tentar abordar a pichação como um tema escolar e pedagógico trouxe muitas inseguranças para todos que estavam envolvidos no processo, desde o início até a sua finalização, tanto a pichação quanto à instituição que trabalhamos é cheia de regras, a maior complexidade que tivemos foi não desrespeitar nenhuma, sendo que não tínhamos conhecimento de todas.

Passar por esses momentos de tensão foi importante, até porque, um dos nossos riscos era o desentendimento, ou pior, nenhum entendimento sobre a oficina aplicada. Todavia, observando os alunos durante a dinâmica, percebemos que subestimamos muito crianças e adolescentes, em vários momentos, durante a explicação, repetimos várias vezes coisas que talvez foram entendidas na primeira tentativa, mas de toda forma, era melhor prevenir do que remediar.

Tratar desses assuntos delicados dentro da aula de artes é uma forma de fazer com que os alunos entendam que arte não é apenas estética, ser artista, por si só, já configura um ato político, demonstra sua ideologia, representa sua história, dá voz a aqueles que não tem, isso pode se manifestar de diversas formas, em diferentes ambientes, e quem sabe, originar-se da ilegalidade. Isso não significa que seu valor é menor, nem que devemos fechar os olhos para essa prática, por esse motivo, utilizamos ao nosso favor, já que o papel do professor é o de facilitar a chegada do conhecimento até o aluno, apenas como uma ponte.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**, 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Tópicos Utópicos**, 2. ed. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>.

LAGNADO, Lisette. Toda arte é política. Entrevista concedida a Fabio Cypriano. Folha de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0110200611.htm>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

LAZARETTI, Bruno. Quais os códigos usados na pichação? **Super interessante**, 2014. Disponível em <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-os-codigos-usados-na-pichacao>. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

SILVA, R. “Os Parangolés de Hélio Oiticica ou a arte da transgressão”. Revista USP, São Paulo, n. 57, p. 181-195, mar./maio 2003. Disponível em: . Visualizado em: 14 agosto. 2023.

SIMONE, Stela. **PICHAÇÃO NA ESCOLA**. 2019. Tese (Trabalho de conclusão de curso) – Curso de educação – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, São Paulo, 2019.

WEINER, João. **PIXO**, 2009. (61 minutos).

ZAULI, Fernanda. 1º turma do método Paulo Freire se emociona ao lembrar das aulas. G1, 2013. Disponível em <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2013/04/1-turma-do-metodo-paulo-freire-se-emociona-ao-lembrar-das-aulas.html>. Acesso em 11 de agosto de 2023.

